

TONI MORRISON E CAROLINA MARIA DE JESUS: DOIS TIMBRES MARCANTES DA VOZ AUTORAL FEMININA

Prof^a Me. Cleideni Alves do Nascimentoⁱ (UNEB)

Resumo:

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado sobre a formação da voz autoral e sua relação com a leitura. O texto literário, através das mais diversas realidades sociais, teria o potencial de modificar identitariamente um indivíduo, dando a ele uma voz própria. Com esse intuito, foram escolhidas as escritas de duas grandes autoras do século XX - a norte-americana Toni Morrison e a brasileira Carolina Maria de Jesus. Elas superam as adversidades dos seus respectivos contextos sociais, rompendo as barreiras do preconceito de classe, cor e gênero, e se destacam através da sua escrita. Conclui-se que as vozes autorais de Toni Morrison e Carolina Maria de Jesus se destacam pela sua autenticidade e engajamento com questões sociais, mas também pelo seu trabalho de elaboração estética da palavra. Suas obras atuam sobre o leitor da mesma forma que os trabalhos de outros escritores atuaram sobre elas, ajudando-as a enxergar realidades sociais por muito tempo ignoradas.

Palavras-chave: Literatura, Identidade, Voz autoral, Toni Morrison, Carolina Maria de Jesus.

1 Introdução

Ao analisar as vozes autorais de Toni Morrison e Carolina Maria de Jesus em suas respectivas obras **O Olho Mais Azul (1970)** e **Quarto de Despejo (1960)**, buscou-se identificar como se define identitariamente cada uma dessas vozes e como elas revelam uma literatura com engajamento social, permitindo que outras consciências possam ser despertadas para o contexto de injustiça social que ainda é muito presente nas sociedades de todo o mundo, principalmente, naquelas onde o acesso aos bens culturais fica restrito a um pequeno grupo.

O objetivo primeiro da pesquisa é refletir sobre o potencial transformador do texto literário e sobre a origem e a formação de uma voz que expressa a subjetividade daquele que escreve. Como surge essa voz? Que relação ela teria com a leitura? Como essa voz se expressa através da escrita? Como em um processo circular, as vozes autorais comprometidas com as mais diversas realidades sociais teriam o potencial de suscitar novas vozes através da prática da leitura. A obra literária possibilitaria o encontro de duas subjetividades, a do autor e a do leitor. O primeiro teria a capacidade de influenciar a subjetividade do segundo.

Seguindo essa linha de pensamento, o leitor que aprende a ouvir a presença autoral por trás das palavras passaria por um processo de transformação identitária. Seria o amadurecimento na arte de ouvir bem que o conduziria a uma voz própria. Essa voz poderia tornar-se autoral, assim como as vozes dos autores que ele aprendeu a ouvir. As vozes autorais de Toni Morrison e Carolina Maria de Jesus seriam resultado de tal processo. Teria sido a intensa relação que ambas mantiveram com a literatura, que deu a elas condições para falar por si. Mais do que informar e entreter, a literatura teria um potencial humanizador.

A ideia defendida é de que a literatura possa modificar identitariamente o indivíduo que lê, fazendo com que ele desenvolva uma voz própria. O acesso ao texto literário pode ser uma forma de inclusão social, dando àqueles que estão à margem do mundo da produção cultural uma oportunidade de inserção. Por mais que se trate de um processo longo e lento, ele é perfeitamente possível. É o que se pretendeu provar a partir da análise das trajetórias de Toni Morrison e Carolina Maria de Jesus como escritoras. Suas vozes autorais seriam o resultado de um processo longo e contínuo de contato com a leitura. Através desse contato elas adquiriram linguagem não apenas para falar de si, mas também para refletir e revelar o contexto social no qual viviam.

2. Literatura e Poder

Primeiramente, traçou-se uma trajetória da relação que a cultura escrita teve com as classes mais abastadas ao longo da história. Saindo das mãos da monarquia e do clero, e passando para as mãos da burguesia, a literatura foi usada por muito tempo como instrumento de representação de um grupo exclusivo. Chartier (1999) e Foucault (2009) apresentam um retrato de como a monarquia usava a escrita como instrumento de poder para controlar e submeter o povo.

Com a ascensão da burguesia, o poder muda de mãos, mas a literatura continua sendo usada com o mesmo objetivo de antes. Walter Benjamin (1994) e Roland Barthes (1993) analisam a natureza dessa literatura produzida pelo novo grupo dominante. O escritor burguês representava seu contexto social e histórico a partir da sua posição privilegiada na sociedade. Percebe-se que nesses contextos representados por essa literatura produzida por uma única classe, as ditas “minorias” recebiam uma caracterização estereotipada. As mulheres, os negros e os pobres eram representados pelo olhar de “superioridade” daqueles que estavam no controle.

Na sequência, com a finalidade de compreender os períodos históricos em que viveram cada uma das escritoras estudadas, apresentou-se um panorama com os principais fatos que influenciaram a história de seus respectivos países em meados do século XX. Os contextos históricos adversos em que viveram as escritoras pesquisadas valorizam ainda mais a função social de suas obras. Em uma época em que o acesso aos espaços de produção de discurso era restrito somente aos homens brancos, elas se fizeram notar rompendo as barreiras de classe, cor e gênero.

Nos Estados Unidos de Toni Morrison, depois de muito tempo de um racismo legalizado que segregava os negros em sua própria terra, surgem os movimentos por igualdade de direitos civis. Foi um período de grande efervescência que deu origem a outros movimentos por reconhecimento. Não só os negros, mas também as mulheres e os homossexuais lutavam para ser respeitados na sua individualidade.

No Brasil de Carolina Maria de Jesus, analisou-se a herança do período pós-abolição da escravidão e o mito da democracia racial. Embora se diga que todos são livres e têm os mesmos direitos no Brasil, constata-se que a maioria dos descendentes da escravidão permaneceu às margens da sociedade. Regina Dalcastagnè (2008) ressalta que séculos de um racismo estrutural afasta os negros de espaços de poder e de produção de discurso. E acrescenta que o mito da ‘democracia racial’ elimina questões como o racismo dos discursos públicos, incluindo aí o romance. A autora constatou através de uma pesquisa que entre os escritores contemporâneos brasileiros 72,7% deles corresponde a homens brancos, incluindo as escritoras brancas esse número sobe para 93,9%. A hegemonia da produção literária continua pertencendo aos homens, e homens brancos, ainda no século XXI.

2.1 Literatura e voz autoral

Depois de traçado esse panorama histórico, parte-se para a fundamentação teórica que trata das questões da literatura engajada e da formação de uma voz autoral. Tomou-se por base as teorias defendidas por Jean-Paul Sartre (1989), Roland Barthes (1970), Michèl Foucault (2009) e Antoine Compagnon (2001). Há entre eles uma visão comum de que a literatura não seja uma composição meramente auto-referente, mas que ela seja relacionada com a vida nas suas mais diversas facetas. A literatura comprometida com as realidades sociais teria a função de revelar algo, propondo uma mudança. Sartre (1989) compreende o ato de escrever como uma ação que pressupõe algumas escolhas por parte do escritor. Essas escolhas revelariam sua subjetividade. O escritor engajado seria aquele que usa a sua escrita com um propósito. Ele acredita que a literatura tem o poder de mudança, e mostra através da sua escrita o que deseja mudar.

Tanto Carolina Maria de Jesus quanto Toni Morrison não escreviam pelo simples prazer de escrever. Há no trabalho das duas escritoras um comprometimento com uma realidade que por muito tempo foi banalizada pela literatura. A realidade das vidas comuns, daqueles que não participavam das grandes decisões de um país, pois estavam sobrevivendo à margem da sociedade. Suas escritas expressam um forte engajamento social. No caso de Carolina Maria de Jesus, sua participação é ainda mais próxima, já que ela é personagem real do contexto que retrata. Ambas escreviam com o intuito de revelar duras realidades de suas épocas.

A escrita engajada pode ser erroneamente compreendida como uma expressão de manifesto social ou político. No entanto, o engajamento social da literatura só é eficaz quando ele é acompanhado de uma linguagem artisticamente elaborada. Ao analisar as obras de Toni Morrison e Carolina Maria de Jesus, busca-se mostrar que seu engajamento se dá através da linguagem elaborada por elas. A escrita, socialmente, engajada procura representar diferentes grupos de diversas perspectivas, dando voz aos que são marginalizados. Porém, é necessário que haja uma preocupação com o apuro da linguagem, buscando uma elaboração esteticamente organizada da obra.

Com base na teoria do crítico literário inglês Alfred Alvarez sobre a voz do escritor, analisou-se a presença autoral das escritoras por trás das escolhas que elas fizeram para compor suas obras. Alvarez (2006) acredita que a maneira como uma pessoa escreve mostra como ela pensa e a integridade de um autor poderia ser julgada pelo tom de sua voz, pela postura de sua linguagem. Essa linguagem revelaria traços da identidade do autor.

Para concluir a linha de pensamento teórico, apresenta-se uma reflexão sobre como uma voz autoral pode atuar sobre o indivíduo leitor, fazendo com que ele próprio desenvolva uma voz autônoma que lhe permita falar de si e por si. Para tanto, considerou-se as reflexões do crítico literário brasileiro Antonio Cândido (2004), da socióloga francesa Michèle Petit (2009) e do historiador e ensaísta búlgaro Tzvetan Todorov (2010).

Esses autores compartilham uma mesma linha de pensamento, pois todos eles entendem que a literatura, mais do que uma fonte de informação ou de entretenimento, atua no inconsciente do leitor. Esse processo de construção de sentido, experimentado através de uma forma narrativa organizada, faz com que o leitor se organize interiormente. A experiência simbólica vivida através da literatura e o contato com a linguagem escrita desenvolveriam sua capacidade de expressão oral e escrita. A literatura devolveria ao leitor a capacidade de se expressar, aquela que por alguma experiência traumática ele perdeu um dia, permitindo que ele novamente possa falar por si.

Toni Morrison e Carolina Maria de Jesus teriam passado por esse processo de transformação identitária por meio do contato íntimo com a leitura. Teria sido a partir desse encontro com a literatura que as autoras conseguiram sair da sua condição de marginalidade para ter acesso ao espaço de produção de discurso. Estabelecendo um diálogo entre a teoria e as obras das autoras pesquisadas, procurou-se analisar a escrita de ambas a fim de compreender e identificar marcas identitárias nas suas obras.

3 Toni Morrison: uma voz autoral engajada

Chloe Anthony Wofford nasceu em 18 de fevereiro de 1931, quando adulta adotou a abreviação de seu segundo nome e o sobrenome do marido. Toni Morrison viveu e cresceu em um ambiente hostil de forte discriminação e violência contra os negros nos Estados Unidos, principalmente, na primeira metade do século passado. Morrison tem a sua própria história de vida influenciada e misturada às histórias de tantos outros negros que sofreram com o racismo e a segregação em seu país.

A relação de Morrison com o mundo das narrativas começou ainda na infância. Embora sua família tivesse passado por muitas restrições econômicas, sua bagagem cultural era muito rica. Morrison cresceu em meio a muitas histórias do folclore afro-americano com suas músicas, rituais e mitos. Sua família tinha uma ligação íntima com assuntos sobrenaturais e esses temas povoavam

suas histórias. Contar histórias fazia parte da vida dos Wofford. E não apenas os adultos tinham o direito de narrar, as crianças também tinham o seu espaço. Adultos e crianças dividiam suas histórias. E a prática de ambos de ouvir as histórias e criá-las, provavelmente, contribuiu para despertar em Morrison o gosto pela leitura.

A vida profissional de Morrison sempre esteve ligada às letras e à luta pelo direito de representação dos negros. Em 1949, quando ela entra na *Howard University* para estudar inglês, ela se torna membro da companhia de teatro da universidade. Esse grupo de teatro apresentava peças sobre a vida de pessoas afro-americanas. Morrison graduou-se em inglês (Letras) em 1953. Na sequência, ela recebe o título de mestre da *Cornell University*, em *Ithaca, New York*, em 1955. Leciona por dois anos na *Texas Southern University*, depois vai para *Howard* trabalhar na universidade na qual havia se formado.

Em 1958, quando lecionava em *Howard*, a escritora conhece Harold Morrison com quem se casaria. Ele, um arquiteto jamaicano, também lecionava na mesma universidade. Eles permaneceram casados até 1964, e durante esse tempo tiveram dois filhos, Harold e Slade. Após o divórcio, ela se muda com os filhos para *Syracuse*, Nova Iorque, e lá começa a trabalhar como editora para a *Random House Company*. O tempo que restava para ela escrever se restringia às madrugadas, após o trabalho e o cumprimento do seu papel de mãe. Em 1968, muda-se para a cidade de Nova Iorque, onde continua trabalhando como editora para a *Random House*.

Nessa nova etapa da sua carreira, Morrison se torna a editora-chefe e era a única mulher afro-americana a exercer tal função naquela empresa. Enquanto ocupou esse cargo, ela ajudou escritores afro-americanos a publicarem seus livros. Além da sua função como editora, lecionava por meio-período, proferia palestras pelo país e escrevia seus romances. E em 1970, publica seu primeiro romance **O Olho Mais Azul** – que é um dos objetos de estudo dessa pesquisa. Com raras exceções, esse romance foi desprezado pela crítica e ignorado pelo público. Seu reconhecimento como escritora viria quase vinte e cinco anos mais tarde, quando a autora já havia consolidado seu nome no cenário literário mundial.

Ao se analisar a construção de seu primeiro romance, pode-se dizer que Toni Morrison realizou, impecavelmente, seu trabalho de organização da palavra. Ela inovou na organização da narrativa e ousou no tema que era tabu para a época. O jogo de vozes narrativas deu equilíbrio e leveza ao romance, e a fala de um narrador complementa a fala do outro. O ciclo das estações do ano representando os capítulos compara-se ao próprio ciclo da vida. A ligação metafórica entre as sementes e o solo no qual elas foram plantadas representam como a subjetividade da personagem é afetada pelas influências do meio no qual vive.

A caracterização das personagens e o modo como a forma narrativa foi organizada em **O Olho Mais Azul** revelam a voz autoral de Toni Morrison. Sua voz tem o objetivo nobre de mostrar os efeitos nocivos do olhar de preconceito racial que corrói as existências mais vulneráveis da sociedade. Morrison, através da sua escrita, procura mostrar que ninguém é essencialmente bom ou ruim. Suas atitudes refletiriam as influências externas que recebem ao longo da vida. Sua voz autoral humanizadora é, potencialmente, formadora de indivíduos mais humanos. A escrita de Morrison vai contra a tradição da literatura de origem eurocêntrica que favorecia e colocava em ordem hierárquica de superioridade o homem branco de origem europeia e menosprezava os grupos por eles submetidos. Sua escrita segue a vertente do multiculturalismo policêntrico que se caracteriza pela valorização de todas as vozes da sociedade em um mesmo nível dialógico. Ella Shohat e Robert Stam definem o multiculturalismo da seguinte forma:

O multiculturalismo policêntrico enxerga toda a história cultural da perspectiva do jogo social de poder. Não se trata de uma sensibilidade açucarada em relação a outros grupos, mas da descentralização do poder, da tomada de poder pelos excluídos, da transformação de instituições e discursos subordinados. (SHOHAT; STAM, 2006, p.87).

Permitir que os negros sejam representados através da escrita é uma forma de descentralizar o poder e dar a eles o direito de se expressarem. Mas o multiculturalismo não tem como princípio inverter a ordem hierárquica de poder, e sim permitir que todos os povos de diferentes origens possam ser respeitados nas suas diferenças e que possam se representar. Porém, a escrita de Morrison não se reduz apenas a uma linguagem de protesto e luta por direitos iguais. Ela é o que Barthes (1970) chamou de escritura, uma linguagem que equilibrando língua e estilo se configura como um ato de solidariedade, uma função social e uma função estética.

Através da análise do romance, foi possível verificar o importante papel que uma voz autoral autêntica e engajada com as mais diversas realidades sociais pode ter na representação de grupos sociais marginalizados. O romance analisado é um exemplo de escrita marginal de alto valor literário e humanizador. A escrita de Morrison não é valorizada somente porque é de origem negra ou feminina. Seu valor está também no seu alto padrão estético que dá à obra um maior potencial humanizador.

Acredita-se que somente a literatura que fale da vida e das suas tensões sociais tenha o poder de fazer o leitor enxergar e tomar consciência das relações de poder existentes em nosso meio. Uma literatura que disfarça e embeleza um contexto social desigual e repleto de injustiças é mentirosa. Ela diz apenas aquilo que algumas pessoas querem ouvir para manter um estado de coisas cômodo para um determinado grupo.

Em **O Olho Mais Azul** nota-se a preocupação da autora em demonstrar os efeitos destrutivos que o preconceito racial pode ter na constituição da identidade de uma pessoa. A voz autoral é a orquestradora de todas as outras vozes que compõem o romance, e ela só é convincente por ser autêntica. Alvarez afirma que a voz autêntica não pode ser aquela que você quer ouvir. “Toda arte verdadeira é subversiva em um determinado nível ou em outro, mas não subverte simplesmente clichês literários e convenções sociais: também subverte os clichês e as convenções nos quais você mesmo desejaria acreditar” (ALVAREZ, 2006, p.34). Morrison, através da sua voz, cumpre o papel subversivo da arte engajada, pois ela não escreve para confirmar o que as pessoas já acreditam, e sim para mostrar o que muitos preferem não enxergar.

O romance causa espanto pela temática, mas também impressiona pela forma. É através do equilíbrio entre forma e conteúdo que ele consegue comunicar sua humanidade ao leitor. Cândido diz que um texto tem impacto sobre o leitor devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. “Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu” (CÂNDIDO, 2004, p.178). Morrison consegue, habilmente, fazer essa fusão da mensagem e da organização.

A escrita de Morrison cumpre com louvor a função de preservar a memória e também de defender a dignidade, principalmente das mulheres negras. Mas o fato do romance preservar a memória afro-americana não deixa de torná-lo atual. Ele não é atual apenas pela questão racial, mas porque é possível relacioná-lo a outras formas de desprezo que continua fazendo suas vítimas nos dias atuais. Essas vítimas estão em todo lugar, nos asilos, orfanatos, presídios, sanatórios e pelas ruas compartilhando a miséria e a violência, as únicas coisas que lhe restam. Essas, assim como Pecola, são personagens da vida real que acabam se tornando invisíveis para a sociedade. A voz engajada de Morrison cumpre o compromisso de trazer para a literatura vidas proscritas como essas.

4. Carolina Maria de Jesus: leitora e autora da vida

Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914, no vilarejo rural de Sacramento em Minas Gerais. Lá viveu grande parte da sua infância e também da sua adolescência. Seus avós eram ex-escravos libertos após o fim do regime escravocrata brasileiro. Fruto de um relacionamento extra-conjugal de sua mãe, ela não chegou a conhecer seu pai. Mas como referencial masculino seu avô materno teve um importante papel na sua infância.

A vida naquela comunidade do interior mineiro beirava os limites do primitivo. A população, de modo geral, tinha que produzir quase tudo que consumia. A maioria dos moradores era descendente de escravos, e já pelas várias restrições que passavam, não tinham perspectiva de um futuro melhor. Ter acesso à instrução era algo impensável para aquelas pessoas. Um luxo que não estava ao alcance delas. Usufruir da educação formal era um privilégio de poucos e seu acesso estava ainda relacionado com a condição sócio econômica das pessoas.

A família de Carolina não teria condições financeiras de arcar com as despesas da escola. Foi a iniciativa de uma bondosa senhora branca chamada Maria Leite, para quem a mãe de Carolina lavava roupas, que permitiu que ela tivesse contato com o mundo das letras. Embora Carolina tenha frequentado a escola por pouco mais de dois anos, esse tempo foi fundamental na sua formação como leitora e, conseqüentemente, como escritora.

Além da escola, outro fator que influenciou o gosto de Carolina pela leitura foi o contato com as narrativas orais contadas pelo seu avô e sua mãe. Conhecido como *Sócrates Africano*, seu avô era considerado um homem muito inteligente. Os ricos e poderosos da região respeitavam a sua sabedoria, e gostavam de ouvir e discutir sobre as histórias que ele contava dos tempos em que era jovem, da época da escravidão. Foi com ele que a mãe de Carolina aprendeu a contar histórias. As histórias sempre fascinaram Carolina, tanto que a sua curiosidade a levava a buscar mais histórias dos lugares e heróis dos livros, como Tiradentes e Zumbi dos Palmares.

A vida na capital paulista não foi nada fácil para ela. Depois de trabalhar alguns anos como empregada doméstica, ela foi demitida em decorrência da sua primeira gravidez. Em 1948, impelida pelas circunstâncias da vida, ela se reúne a um grupo de pessoas, a maioria migrantes que começavam a chegar à capital São Paulo, para estabelecer moradia em uma área às margens do rio Tietê. Essa área daria origem à favela do Canindé. “Carolina escolheu a favela do Canindé, sítio ermo e situado próximo a um depósito de lixo. O lixo desde então passou a ser seu ganha-pão, metáfora perfeita da circunstância sócio-econômica brasileira da imensa fatia que nunca teve propriedade” (MEIHY, 1994, p.22).

Em uma visita à favela do Canindé, o jornalista Audálio Dantas descobre que entre os moradores da favela havia uma escritora. O jornalista conta que ao ler a primeira página do diário de Carolina já percebeu que era algo muito importante. Primeiro como depoimento, pois alguém que vivia em um mundo marginal poderia contar o que era aquele meio melhor do que qualquer um que fosse de fora. Segundo pela inegável expressão literária da escrita de Carolina. “Não chegava a ser uma obra literária propriamente dita, mas possuía momentos de grande força descritiva, de criação de imagens” (DANTAS *apud* LEVINE; MEIHY, 1994, p.102).

O sucesso editorial de seu livro no Brasil chamou a atenção de revistas internacionais de grande circulação em diversos países. Elas começaram a divulgar a história da escritora da favela e logo o sucesso do livro de Carolina se espalhou por diversos lugares do mundo. Dantas entende que a repercussão do livro estava ligada ao seu caráter de novidade. Pela primeira vez na história as pessoas tinham acesso a um olhar que narrava as agruras da vida na favela de dentro dela, e não um olhar exterior de um narrador que percebia aquele mundo a partir da sua posição social.

Sua escrita saiu da favela, mas não conseguiu chegar ao cânone e à academia. No entanto, ainda que menosprezada pela crítica literária brasileira da época que considerava a sua escrita como subliteratura e desprestigiada no meio acadêmico, não se pode dizer que Carolina fracassou na sua empreitada como escritora. Sua trajetória é surpreendente. E o sucesso mundial alcançado por ela é privilégio de poucos. Enquanto muitos escritores buscavam elaborar um estilo para atingir êxito na escrita, Carolina escrevia com a voz da autenticidade. O que era considerado por muitos como desvios da norma culta na linguagem de Carolina era justamente o que realçava a expressividade das suas palavras.

Avaliar o trajeto percorrido por Carolina da infância no meio rural até chegar ao sucesso como escritora na cidade grande, é importante para entender que a Carolina escritora não se formou da noite para o dia. Ela é resultado de um longo e demorado processo de formação como leitora. Sem ser leitora, ela não chegaria a ser escritora. Provavelmente, foi seu hábito de leitura que veio

suprir suas necessidades linguísticas e narrativas decorrentes da sua baixa escolaridade. O contato com narrativas orais na infância, o tempo em que frequentou a escola e as leituras que fez ao longo da sua vida, tudo isso teve um grande impacto na sua formação como escritora.

Carolina retrata a miséria material, revelando através do seu diário sua própria condição de vida. A escritora era privada, até mesmo, dos bens básicos à sobrevivência, pois lhe faltava o alimento, moradia digna, trabalho, etc. No entanto, o que chama a atenção para o caso de Carolina é que mesmo passando por tantas restrições materiais, ela jamais rompeu sua relação com a literatura. Eram as palavras que a ajudavam a amenizar sua árdua realidade. “Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2007, p.24).

Embora a escrita de Carolina se distancie do padrão literário defendido pelo cânone, ela tem a capacidade de prender a atenção do leitor através da elaboração artística que ela faz das palavras e da sua autenticidade. A autenticidade da voz de um escritor não estaria nos floreios retóricos da sua escrita e não poderia ser lida superficialmente. Alvarez (2006, p.93) fala que a autenticidade se revela nos detalhes que os olhos não captam com facilidade – em alguma hesitação inesperada ou num advérbio sagaz, numa inflexão quase inaudível que faz o leitor se endireitar na cadeira e prestar atenção.

Provavelmente, seu pouco prestígio social e suas raízes fincadas na cultura popular, foram os principais motivos para que sua escrita fosse menosprezada. **Quarto de Despejo** alcançou um grande efeito no público leitor pela atuação simultânea da forma e do conteúdo. Enquanto gênero literário, o livro seria apenas mais um diário. Ele, porém, se diferencia pelo tema tratado. Mas o aspecto mais significativo é como esse tema é apresentado. A linguagem que o representa é sem dúvida a característica mais marcante do livro, pois é através dela que a subjetividade autoral se revela. Carolina se engendra na sua escrita e se transforma em palavras. Negar valor literário à sua escrita é também negar um espaço autoral para a escritora da favela.

Carolina escrevia com os recursos linguísticos que adquiriu ao longo da sua história de vida. Seu pouco tempo de contato com o ensino formal restringiu seu domínio da norma culta da língua. No seu caso, o que era considerado erros gramaticais deveria ser visto como marcas identitárias. Embora o diário de Carolina seja composto por partes descontínuas do seu cotidiano, ainda é possível compreendê-lo e acompanhar a narrativa de seus dias mesmo sem uma ordem cronológica regular. Vogt diz que isso é possível graças a um recurso de estilo bastante simples, mas eficiente: o da repetição.

Os dias se repetem iguais na monotonia implacável de um dia de todos os dias: levantar cedo, ir buscar água na única torneira que serve a mais de cento e cinquenta barracos iguais ao de Carolina, atender aos filhos, sair para a cidade em busca de papel, de lata, de ferro, sobrecarregar-se com o peso de seu transporte, vender a sucata recolhida nas ruas, comprar os alimentos que serão consumidos no mesmo dia e na proporção exata do pouco dinheiro obtido no trabalho de todo o dia (VOGT, 1983, p.208).

Não fosse o talento narrativo de Carolina, sua história se resumiria à sequência de atividades diárias apresentadas anteriormente. No entanto, a escritora da favela lançava um olhar literário para o seu cotidiano. Um olhar de poeta que conseguia transmitir beleza até mesmo para as situações mais difíceis. Que leitor, dotado de certa sensibilidade, não seria capaz de visualizar e de se deixar tocar pela imagem que Carolina cria através das palavras no expressivo relato abaixo?

Quando eu fui catar papel encontrei um preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajes rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com

despreso. Indigno para um ser humano. Estava comendo uns doces que a fabrica havia jogado na lama. Ele limpava o barro e comia os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome! (JESUS, 2007, p.55).

A riqueza da escrita de Carolina está na variedade de micro-narrativas apresentadas ao longo do diário. Ela não falava apenas das suas agruras cotidianas. Suas observações e reflexões se estendiam a muitas outras situações. Em algumas ela atuava como narradora-personagem, em outras apenas como narradora. Carolina contava sobre a sua vida e de seus filhos, dos outros moradores da favela, dos comerciantes, das pessoas da cidade, dos políticos, enfim, tudo o que acontecia ao seu redor se transformava em matéria-prima para compor seu diário.

A escrita de Carolina é sem dúvida envolvente. A exímia forma pela qual ela recria a realidade é dotada de um toque de beleza que ameniza o sofrimento do seu cotidiano. Mas sem o seu hábito constante de leitura, ela não teria desenvolvido uma voz própria que a permitisse ter tanta intimidade com as palavras. O próprio padrão do estilo romântico que buscava recriar, não seria possível se ela não tivesse como referência os textos que lia. Provavelmente, nenhum outro morador da favela poderia relatar o seu cotidiano com tanta desenvoltura comunicativa.

A escrita de Carolina se encaixaria no que Foucault (2009) chamou de *função sujeito*. Diferente da *função autor* que estaria ligada a uma tradição discursiva, a função sujeito deve ser analisada como uma função variável e complexa do discurso. Não importaria quem ou de que posição social se fala. Foucault (2009, p.70) defende que todos os discursos, qualquer que fosse o seu estatuto, a sua forma, o seu valor, e qualquer que fosse o tratamento que se lhes desse, desenrolar-se-iam no anonimato do murmúrio. O discurso de Carolina seria uma parte das milhares de vozes excluídas que comporiam esse murmúrio. Sua escrita é a expressão da sua subjetividade. Seu discurso reporta à sua condição de mulher, de negra e de favelada. Mas ao mesmo tempo, que ela fala de si, seu discurso também engloba muitas outras vidas que estão às margens da sociedade. Sua voz é ao mesmo tempo individual e coletiva.

Por se caracterizar como discurso não-ficcional, mas sim como um relato de vida. A escrita de Carolina reforça ainda mais a função sujeito. Sua tripla função de autora, narradora e personagem, impede que ela se distancie da construção do discurso. Carolina não era somente uma personagem. Ela era real e a história contada por ela também. Uma história que denunciava uma realidade marcada pela desigualdade social. O retrato da vida na favela pintado por Carolina manchava a imagem do cenário político da época. Por essa razão, não demorou muito para que a sua voz fosse abafada.

Considerações Finais

As autoras pesquisadas produziram uma escrita que se revela como expressão de suas identidades. Elas deixaram impresso nas suas obras seus olhares e percepções sobre suas realidades. A força humanizadora da literatura estaria na sua capacidade de tornar o indivíduo mais atento à complexidade dos seres e do mundo, de promover o afinamento das emoções, de conduzi-lo ao exercício da reflexão, etc. Entretanto, nenhuma mensagem de teor ideológico, político, religioso, ou de propaganda, de revolta, entre outros, conseguiria influenciar o leitor se não fosse reduzida a uma forma literária ordenadora.

A literatura com um compromisso humano ajudaria os indivíduos a superar momentos de crise e a encarar os problemas com mais serenidade. Toni Morrison e Carolina Maria de Jesus recorreram à literatura para ajudá-las a superar as adversidades. Cada uma em seu respectivo contexto histórico e social encontrou na literatura uma travessia menos turbulenta pelas dificuldades que se colocavam no caminho. A literatura exerceria uma função terapêutica sobre as pessoas, ajudando-as a viver melhor.

Morrison não fala apenas de si, ela traz para sua escrita muitas vozes silenciadas ao longo da história afro-americana. A autora cumpre seu papel social através da sua escrita, dando ao leitor um retrato do que é ser negro, ou mais especificamente ser mulher negra, em uma sociedade extremamente racista. Sua voz autoral se define como uma voz comprometida com a história de luta dos negros americanos por espaço de representação na sociedade.

A história de Carolina impressiona pelas limitações pelas quais ela passou, e mesmo assim conseguiu se destacar através da sua escrita. A linguagem que a escritora teceu para compor seu diário revela quem ela é. Carolina é o seu texto. Sua linguagem se configura como uma expressão identitária. Sua obra, porém, se destaca pela sua habilidade narrativa e também pelo uso elaborado que ela faz da linguagem.

Apesar de todas as diferenças, as histórias das duas escritoras têm em comum o alcance da literatura nas suas vidas. Observando as oportunidades que elas tiveram e onde chegaram, acredita-se que a magnitude das suas conquistas podem ser equiparadas. Toni Morrison consolidou uma carreira de sucesso e atingiu o auge do reconhecimento como a primeira mulher negra a receber o Prêmio Nobel de Literatura (1994). Carolina, pobre e semi-analfabeta, contou sua história de vida com suas próprias palavras. Seu diário foi um dos maiores fenômenos de venda no Brasil na época e está entre as obras brasileiras mais vendidas no exterior.

Ao final deste trabalho obteve-se o recompensador resultado de verificar que a literatura pode atuar de forma eficaz na formação da identidade do leitor. As duas escritoras pesquisadas representam a força modificadora que o texto literário pode ter sobre os indivíduos. Acredita-se que esse potencial possa ser melhor explorado não só no ensino de literatura, mas também levado às pessoas que estão às margens da sociedade. Sua função terapêutica pode ajudá-las a recuperar a habilidade narrativa, fazendo com que elas tenham recursos linguísticos para poder falar de si e de se representar enquanto sujeitos.

Espera-se que as reflexões propostas neste trabalho, possam ajudar a valorizar e a dar destaque a essas duas grandes mulheres que não se intimidaram em erguer suas vozes e mostrar que eram capazes. A despeito de todas as adversidades, elas exemplificaram com suas vidas e obras o seu valor e capacidade. Seus nomes ficarão para sempre gravados na história. E fica o desejo de que muitas outras vozes da literatura, esquecidas e negligenciadas pelo ranço do preconceito, possam também ser exaltadas e colocadas no lugar que merecem.

Referências

- 1] ALVAREZ, Alfred. **A voz do escritor**. Trad Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2006.
- 2] BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- 3] _____ .**O grau zero da escritura**. Trad. Anne Arnichans, Álvaro Lorencini. São Paulo. Editora Cultrix , 1993.
- 4] BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.
- 5] CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro sobre azul, 2004, 4ª edição.
- 6] CHARTIER, Roger. O autor entre punição e proteção. In: **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo. Ed. UNESP, 1999. p.21-46.

- 7] COMPAGNON, Antoine. O autor. In: **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fontes Santiago. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2001. p.47-96.
- 8] DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.31, p.87-110, janeiro-junho de 2008.
- 9] FOUCAULT, Michel. O que é um autor. In: **O que é um autor?** 7ª Ed. Lisboa: Vega Passagens. 2009. p.29-87.
- 10] JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 9ª edição. São Paulo: Ática, 2007.
- 11] LEVINE, R.; MEIHY, J. C. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- 12] MORRISON, Toni. **O olho mais azul.** Trad. Manuel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- 13] PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade.** Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed.34, 2009.
- 14] SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- 15] SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Do Eurocentrismo ao Policentrismo. In: **Crítica da imagem eurocêntrica.** Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p.37-88.
- 16] TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- 17] VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: SCHWARZ, Roberto (org.). **Os Pobres na Literatura Brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 205-213.

iAutor(es)

Cleideni Alves do Nascimento, Profª Me.
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Departamento de Educação – Campus X
cleideni_nascimento@yahoo.com.br